Ares de câmara municipal no Senado

Eleitores de Luiz Estevão congestionam corredores para pedir desde cesta básica à quitação de uma dívida de R$ 20 mil

Anamaria Rossi
Da equipe do **Correio**

O gabinete 25 da Ala Teotônio Vilela do Senado virou um muro de lamentações. Por ali passam em média 180 pessoas por dia, algumas mais e outras menos arrumadas, contando histórias sofridas e pedindo um emprego, um lote, uma cadeira de rodas, uma cesta básica. Depois de meia hora na fila — sim, há uma fila constante que varia entre 10 e 20 pessoas —, ninguém quer sair dali de mãos abanando. Muito menos sem falar com o dono da casa.

Mas o dono da casa — o empresário e ex-deputado distrital Luiz Estevão — agora é senador. Ocupadíssimo. Por isso — diferente do ex-senador Valmir Campelo (PTB-DF), hoje ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), que reservava um dia da semana só para atender eleitores —, o peemedebista montou em seu gabinete uma equipe para receber e encaminhar as demandas. Todos que esperam pacientes têm, no mínimo, seus dados e pedidos anotados por Samuel Ponte Aguiar, "assessor para atendimento ao público". A fila, nada comum no Senado, provoca um certo congestionamento humano no final do corredor.

> "SAÍ DE CASA HOJE E DEIXEI TUDO VAZIO. VIM PEDIR QUALQUER COISA. NÓS VOTAMOS NO HOMEM, AGORA VAMOS VER SE ELE DÁ UM JEITO"
>
> Maria Tereza de Melo Souza, desempregada

Maria Tereza de Melo Souza chegou ao gabinete de Luiz Estevão por volta das 16h da última terça-feira. Carregava uma pequena bolsa e três de seus seis filhos. Ela saiu cedo do barraco onde mora, em Brasilinha, depois de amargar incontáveis anos vivendo sob a Ponte das Garças, no Lago Sul.

"Olha, moça, eu saí de casa hoje e deixei tudo vazio. Vim pedir qualquer coisa. Nós votamos no homem, agora vamos ver se ele dá um jeito", disse a doméstica que, como o seu marido, está desempregada. Por "qualquer coisa" ela queria dizer, como explicou mais tarde a Samuel: "Só uma feirinha, já *tá* bom".

FALTOU PAPEL

As três crianças de dona Maria ocupavam três dos 10 assentos na sala de espera, obrigando algumas pessoas a estenderem a fila, de pé, para além dos limites do gabinete. Enquanto ela esperava, Samuel anotava os dados e o pedido do motorista desempregado Laurêncio de Souza Lima.

"Depois dos 40 anos ninguém dá emprego *pra* gente", lamentava-se o motorista, de 44 anos e com mulher, três filhos, nora e neto para sustentar, em Ceilândia. Laurêncio contou que conhece o senador da época em que morava na invasão da Estrutural. "Ele ia sempre lá", lembra. "Nunca conversei pessoalmente com ele, mas como é uma pessoa influente, vim pedir uma carta de recomendação para ver se consigo um emprego."

Era a terceira tentativa de Laurêncio. Na primeira, fez a ficha. Voltou quatro dias depois — e nada da carta. Na terça-feira também saiu de lá sem a recomendação. "Disseram que está faltando formulário timbrado."

André Correa

Ante-sala do gabinete de Luiz Estevão: equipe só para atender eleitores, que têm, no mínimo, os pedidos anotados por "assessor para atendimento ao público"

Domingas Barbosa, 66 anos, que levou dois netos para acompanhá-la nas lamentações, foi pedir ao senador que pagasse a sua conta de energia elétrica. Ouviu um "não" e saiu furiosa. Ex-doméstica que cria quatro netos "sem pai nem mãe", ela havia sido conduzida para uma sala dentro do gabinete, onde alguns são atendidos por Patrícia Roriz. A assessora tem a ajuda de duas secretárias — uma delas, sua filha — para encaminhar as demandas individuais dos eleitores.

"Falei com a Patrícia, mas ela me disse que não pode pagar a conta de todo mundo. Pensei que um senador rico pudesse pagar uma conta de 47 reais", esbravejava Domingas, que saiu de Sobradinho 2 para falar com Luiz Estevão. "Agora não se fala mais com ele. Antes ele falava, abraçava."

INDISPENSÁVEL

"Vamos ampliar a equipe de atendimento", avisa o senador Luiz Estevão. "É indispensável. Tenho obrigação de atender a demanda do eleitor." O senador, no entanto, garante que nunca tirou nem pretende tirar "um real" do bolso para dar a quem bate à porta de seu gabinete. "Não fui eleito para ser patrocinador de ninguém. Isso seria inverter a relação entre eleitor e político. Me elegeram para lutar politicamente", comenta.

Mas os eleitores querem algo mais imediato do político que ganhou com o slogan *Nosso Senador*. "Eles querem passagem, lote, internação, cirurgia, cadeira de rodas e principalmente emprego", conta Samuel, que anota pedidos de eleitores desde os tempos da Câmara Legislativa.

Samuel faz a triagem inicial. Depois, Patrícia Roriz cadastra o eleitor e dá a segunda peneirada nos pedidos. Alguns são encaminhados, outros são descartados. "Quando o eleitor pede emprego, fazemos uma carta de apresentação encaminhando-o a uma das empresas da nossa relação", explica Luiz Estevão. Pedidos de lotes, segundo ele, recebem uma resposta padrão: "Aguarde a divulgação dos critérios da política habitacional do governo". Problemas de saúde são encaminhados para os hospitais públicos.

Mas há demandas sem solução. Como uma senhora que queria um empréstimo direto do senador. "Ela devia R$ 20 mil e pedia que ele pagasse a dívida, para depois ela devolver em suaves prestações", conta o assessor. O senador, naturalmente, não fez o empréstimo. Se tivesse feito, a fila já estaria tomando toda a Ala Teotônio Vilela do Senado.